

Resumo da Semana - 20 a 24 de maio

Depois do “quase” caos que foi a semana anterior, o período em curso pode ser tido como benigno, principalmente se olharmos para o cenário doméstico. No segmento externo, ao contrário, poderíamos avaliar que o quadro foi de degradação, pelo menos em três aspectos: Brexit, relações EUA /China e renovadas tensões envolvendo o Irã.

Sobre o Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia), a primeira ministra Theresa May fez coletiva de imprensa para dizer que o parlamento britânico ou aprovava seu plano ou a saída seria sem acordo, situação bem danosa. Ficou de encaminhar o plano até o final da semana e tentar votar logo no início de junho. A oposição declarou que o plano era requeitado e que deveria ser rejeitado, e se isso efetivamente acontecer, o Reino Unido poderia caminhar para eleições. Theresa May sofreu ao longo da semana outra baixa com renúncia de seu ministro e pode precipitar a renúncia da primeira ministra.

As relações entre os EUA e a China se deterioraram um pouco com Trump impondo restrições à atuação da gigante de Tecnologia Huawei, e quase em seguida querendo estender para outra gigante do segmento de vigilância, a Hikvision. Logo em seguida, essa postura foi suavizada dando prazo de noventa dias para aplicação, mas o mal já estava feito. Acrescentamos que negociadores americanos com Mnuchin (secretário do Tesouro) disseram que houve retrocesso nas negociações e que não existia data marcada para retomada. Ao mesmo tempo, a China anunciou corte de impostos para empresas de microchips e a moeda yuan desvalorizou. A China quer retomar negociações comerciais e, ainda, sobre propriedade intelectual.

Sobre as relações EUA/Irã, o quadro azedou ainda mais e aumentou as tensões no Oriente Médio. Trump disse que a economia do Irã seguiria em colapso, até que decidissem sentar para negociar um acordo. A Arábia Saudita ampliou tensão contra o Irã que vai acelerar novamente sua política nuclear, com direito de novas ameaças do líder, Ali Khamenei.

Nos EUA, apesar disso, a ata do FED veio mostrando que a economia está sólida e mercado de trabalho forte, enquanto a inflação permanece controlada e abaixo da meta. No entanto, mas recentemente membros do FOMC identificaram indicadores em

desaceleração. Principalmente gastos das famílias e investimentos. No entanto, prevalece quase unanimidade de crescimento pouco acima de 2,0% para o ano em curso. Em compensação, consta que avaliam que as incertezas externas estão menores.

Durante a semana, tivemos inúmeros pronunciamentos de dirigentes regionais do FED, com posicionamentos sobre necessidade de revisão da política monetária. Principalmente dependendo das relações EUA/China, havendo quem como Bullard do FED de St. Louis pregue que a normalização da política monetária acabou e que seria necessário reduzir juros para aproximar a meta de inflação de 2,0%. Pelos pronunciamentos, a maior chance está na redução dos juros em próximas reuniões do FOMC do FED.

Semana ainda de divulgação de indicadores de atividade industrial e serviços de maio para diferentes países. Na Alemanha, o PMI industrial caiu para 44,3 pontos, mostrando contração da atividade, já que ficou abaixo dos 50 pontos. O de serviços desacelerou para 55,0 pontos, menor que o esperado. Na zona do euro, o PMI industrial desacelerou para 47,7 pontos e serviços para 52,2 pontos. Nos EUA, o PMI industrial em 50,6 pontos e serviços em 50,9 pontos, ambos mostrando desaceleração. O índice de atividade de Kansas composto caiu para quatro pontos, de previsão de ficar em 7,0 pontos.

O BCE (BC Europeu) divulgou ata da última reunião e os membros identificam moderação da atividade global e fraqueza do comércio mundial. Diagnosticam a necessária e ampla acomodação monetária. Entendem que Brexit e protecionismo comercial são ameaças para a economia da região. Na Índia, o primeiro ministro, Narendra Modi, foi reeleito e está ainda mais forte. Na África do Sul, o banco central manteve juros básicos em 6,75%.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) traçou novas projeções de crescimento para países, no geral mostrando quedas. Segundo a OCDE, o PIB global crescerá em 2019, 3,2% (anterior em 3,3%). O PIB dos EUA cresce entre 2,6% e 2,8%. Na zona do euro, crescimento mais modesto entre 1,0% e 1,2%. Com relação ao Brasil, estimam crescimento em queda para 1,4% em 2019 e 2020 com 2,3%. Identificam que a tensão entre EUA e China é a maior preocupação.

No cenário local, temos que admitir que o estresse político foi bem reduzido durante o período, principalmente se comparado com a semana anterior. Olavo de Carvalho (“guru”) desistiu de fazer críticas aos militares. Os filhos de Bolsonaro saíram um pouco de cena e o próprio presidente tentou dissipar ruídos políticos deixando de polemizar com o Congresso e pregando a harmonia entre os três poderes. Voltou a conversar com Rodrigo Maia, maior

propagandista de reformas, e manteve encontro no Alvorada com Dias Toffoli.

A Câmara e o Senado voltaram a se empenhar em votações, aprovando Medida Provisória das aéreas. O Senado vai votar a Medida Provisória 870 da reforma administrativa (contrariando o governo com o COAF) até terça-feira, dia 28 de maio. O risco das Medidas Provisórias caducarem vai terminando, pelo menos as mais importantes. Positiva a postura dos EUA mudando sua posição e formalizando apoio à entrada do Brasil na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Ponto para o Brasil. A Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) aprovou a admissibilidade da reforma tributária, apesar de não contemplar a visão do Executivo, mas aberta para inclusões do governo. Bolsonaro também desistiu de participar das manifestações de 26 de maio. Atitude prudente. Paulo Guedes disse não concordar com nenhuma previsão negativa sobre o país, pois sua visão é de melhora em todas as estruturas do país no pós eleições.

Na área econômica, nenhuma novidade. A Fitch, uma das três maiores agências de classificação de risco, manteve a classificação do Brasil em BB- e perspectiva estável. Elencando o endividamento, a corrupção, as dificuldades de aprovar a reforma da Previdência e crescimento baixo; como pontos negativos. Disse ainda que as reservas são suficientes para absorver choques externos. A nova pesquisa Focus do Bacen, como nas últimas veio mostrando inflação em alta para 4,07% em 2019, PIB em queda para 1,2% e produção industrial encolhendo para +1,47%.

O saldo da balança comercial até a terceira semana de maio era positivo em US\$ 3,7 bilhões, acumulando em 2019 superávit de US\$ 20,1 bilhões. A Receita Federal informou que a arrecadação de abril foi de R\$ 139,03 bilhões, ainda abaixo de 2014, mas acreditando em crescimento real para o ano entre 1,0% e 1,5%. Na Bovespa, até a sessão de 22 de maio, os investidores estrangeiros haviam retirado recursos de R\$ 5,5 bilhões, com saídas líquidas no ano de R\$ 5,0 bilhões. A inflação medida pelo IPCA-15, prévia da oficial, desacelerou para 0,35% (anterior em 0,72%), acumulando em 2019, 2,27% e em 12 meses com 4,93%. A difusão encolheu para 48,6%.

João José Oliveira

24/05/2019